

SENHAS E CHEQUES ADMINISTRATIVOS

O clima de insegurança que o brasileiro viveu na sexta-feira por conta dos boateiros de plantão trouxe de volta o fantasma do confisco nas poupanças feito no início do Plano Collor, em 1990. Em Fortaleza (CE), a agência da Caixa Econômica Federal do Iguatemi viveu um dia atípico, com movimento muito acima do normal. Desde às 14h, havia acabado o dinheiro em espécie e mais de mil senhas haviam sido distribuídas.

Os clientes que queriam sacar dinheiro na poupança optaram, então, pelo cheque administrativo para sacarem amanhã. Mais de cem pessoas não conseguiram entrar no banco, que fechou pontualmente às 16h. A agente Christiane Chastinet, que atendia pacientemente todos os clientes até às 18h, afirmou que o aumento da demanda em sua agência aconteceu também por causa do vencimento do IPTU e os tradicionais pagamentos de final de mês. A onda de boatos, no entanto, foi o que prevaleceu entre os clientes que procuraram essa agência da Caixa.

A arquiteta Rejane Carvalho não confiou nos desmentidos oficiais de Brasília. Na bolsa de aposta das opiniões, o boato acabou valendo mais que o dólar. "Tinha meu dinheiro no Aplic/60 dias e transferi todo para a poupança. Esse boato mexeu com todo mundo. É uma irresponsabilidade do governo, que perdeu a credibilidade", queixou-se.

A dona-de-casa Valdísia Milfon estava preocupada, porque chegou atrasada e não mais conseguiu entrar na agência. "Não tem mais dinheiro nem no caixa eletrônico e estou escaldada com tudo isso, desde a época da Zélia Cardoso. Vou torcer para que tudo não passe realmente de boato", disse.

TELEFONES

O professor da UFC (Universidade Federal do Ceará), Idevaldo Bodião, estava ainda, às 18 horas, no interior do banco. Com uma senha, aguardava ser chamado para o preenchimento do cheque administrativo e dizia estar revoltado com a crise de credibilidade que abala o governo. "Só o fato de estarmos aqui, ou que venha ser confirmado o boato ou não, já é um sinal da falta de credibilidade do governo. Isso aqui está virando um caos", protestou.

"Todo mundo está com medo de voltar à época do Plano Collor", disse o publicitário Wanderley José Matias. "Só não vou tirar meu dinheiro do banco porque não tenho nada depositado. Nos próximos dias, o que eu tiver para guardar vai ficar comigo", afirmou, enquanto esperava ser atendido no caixa de uma agência bancária do centro de Belo Horizonte.

Em algumas agências da Caixa Econômica Federal e do Itaú, os telefones ficaram ocupados praticamente o dia inteiro. A maioria das ligações era de clientes querendo confirmar os boatos. Os atendentes tentaram tranquilizá-los com argumentos baseados nas declarações do governo. "Todos queriam saber o que fazer para preservar o dinheiro", informou o gerente da agência Praça da Estação do Banco do Brasil, Alberto Maia Valério. Segundo ele, não houve movimento de saques. Em compensação, foi intenso o volume de transferência de fundos lastreados com títulos públicos para poupança.